

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGA-
GANDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VIII
II SERIE

OUTUBRO 1923
N.º 136

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

A MAGNA QUESTÃO DO JOGO

UMA CAMPANHA OPORTUNA

O artigo que, em primeiro lugar, publicámos no ultimo numero d'esta Revista, sobre a regulamentação do jogo d'azar, tendo merecido o maior aplauso dos que vêem a resolução do problema acima de questões que não sejam d'interesse geral e comum, levou-nos a procurar a confirmação de suposições por nós já formuladas e a que não quizemos aludir n'esse artigo por não possuirmos ainda a plena certeza do que supunhamos. Poderíamos, no entanto, tel-o feito logo; porque, infelizmente, as nossas suspeitas receberam facilmente a mais cabal confirmação. Elas consistiam na contra-ordem dada já por diversos estrangeiros que tinham mandado reservar quartos nos hotéis do Mont'Estoril, para ali passarem o inverno.

De facto, conseguimos apurar que diversas pessoas, sobretudo de nacionalidade ingleza, que se dispunham a passar a estação invernosã na nossa esplendida estancia que é o Mont'Estoril, tinham tomado a resolução de ir para a «Côte d'Azur», em virtude de não estar permitida, em Portugal, a exploração de jogo e, portanto, faltar-lhes essa distração que eles não dispensam.

Isto é a prova mais cabal da afirmação que, a este respeito, tem sido constantemente feita n'esta Revista.

O estrangeiro, no pleno uso das suas faculdades e dos seus direitos, não pode admitir que o governo portuguez se arrogue a qualidade de ser seu tutôr.

Portanto, embora achasse preferivel passar o inverno no Mont'Estoril a gozal-o em Nice ou em Monte Carlo, ele dá a preferencia a qualquer d'estas duas estancias climatericas onde lhe oferecem todas as comodidades, regalias e atrações e onde ninguem tem o desplante de armar em tutôr do que ele pode e quere livremente dispôr.

Podem objectar-nos que cada Paiz tem as suas leis por onde se rege e que quem o visita tem de a elas se sujeitar.

Estamos absolutamente d'acordo com esse principio.

Não é, porem, essa uma regra geral que tenha de ser aplicada indistinctamente. E como as leis devem, segundo o criterio geral, ser feitas em resultado das circunstancias que as justificam; e como justamente a valorisação das condições especiaes do nosso paiz justifica sobejamen-

te a regulamentação do jogo; por isso entendemos que: um desconhecimento de causa, um capricho, um excesso de moralidade ou qualquer inconfessavel interesse — factores, aliás, só invocados por uma meia duzia de oposicionistas — não são suficientes para impedir a entrada d'oiro em o nosso Paiz, para obstar á valorisação das condições de vida das suas estancias thermaes e climatericas, e ao progresso e desenvolvimento de todas as localidades que, por forma incomparavel, lucram com a visita de estrangeiros.

E' preciso atender a que não se trata, pura e simplesmente, da regulamentação do jogo. A «Revista de Turismo» — como, de resto, todos os que se interessam por essa regulamentação — não vê n'esse facto só a salutar medida, necessaria e urgente, para se pôr termo á mais requintada immoralidade que se pratica aos olhos de todos. Defende-a, tambem e principalmente, sob a idéa d'esse facto constituir — como está provado que constitue — um poderoso atractivo para os estrangeiros nos visitarem e se conservarem gozando as nossas belezas e a nossa hospitalidade. Defende-a, ainda, porque d'ela adveem recursos que d'outro modo não se podem obter e que, applicados sob uma honesta e criteriosa administração, produzem para o Paiz — isto é, para todos nós — resultados praticos, imediatos e proveitosos.

— Porque — note-se bem — não é só o rendimento que o Estado ou as corporações interessadas venham a auferir dos Casinos que explorem a industria do jogo: — é tambem o que indirectamente beneficia as populações. Em geral, os estrangeiros veem, instalam-se em hoteis onde provocam movimento, pelo que se torna necessario mais pessoal, e não tão pouco como isso: creados, creadas, *groom's* emfim toda uma população completa de hotel, que ganha ordenados, que recebe gorjetas, que, em ultima analyse, recolhe parte das disponibilidades que o hospede consignou ás despesas da sua cura de repouso. Temos, ainda, as aquisições e fornecimentos a que os hoteis são obri-

gados por esse maior movimento e que são pagos com o oiro recebido do hospede estrangeiro e que por isso fica no no nosso Paiz, facilitando assim uma depressão cambial.

Temos egualmente a taxa de Turismo que incide sobre essa hospedagem. Temos, por outro lado, a taxa para a Assitencia Publica que é cobrada na conta do hotel.

Alem d'isso, pronuncia-se o desenvolvimento das pequenas industrias das recordações, que nenhum estrangeiro deixa de levar do paiz onde passa. Manifesta-se tambem, o maior movimento das *Casas de Chá*, de trens e automoveis; emfim do desenrolar dos elos dessa cadeia em que o estrangeiro se envolve e que só pára quando ele abandona o lugar onde esteve e onde deixou o melhor, senão todas as economias postas de parte com esse destino, e que ele desperdiça com o maior gozo.

Ha, ainda, a considerar o movimento dos Casinos, que origina a colocação de muito pessoal: artistas, musicos, creados, porteiros, e *tuti quanti*, facilitando assim a vida a muita familia que se debate na miseria.

.....

Quantos outros motivos escapam facilmente a uma simples apreciação como esta!

Parece-nos todavia serem já suficientes e claras as rasões em que baseamos a nossa intransigente defeza da regulamentação do jogo para que se possa vêr, atravez d'esta nossa sincera e patriotica campanha, qualquer interesse que, porventura, algum espirito faccioso ou taquenho pudesse supôr nos animasse.

A nós apenas nos move o interesse geral; e porque reconhecemos que da regulamentação do jogo em Portugal adveem beneficios insubstituiveis, por isso lhe temos dedicado a nossa maior atenção e vimos insistindo n'esta lucta em que podemos ficar vencidos... mas nunca convencidos.

JOSÉ LISBOA

CONFERENCIA DO TRAFEGO INTERNACIONAL EM PARIS

A CIRCULAÇÃO DO SUD-EXPRESS

NA reunião da Conferencia do Trafego Portugal, Hespanha e França, que se reuniu ha pouco em Paris, figurava—entre os numeros que compunham a Ordem do Dia—o que especialmente dizia respeito á mudança do actual horario do comboyo Sud-Express, sugestionada pela nota elaborada pelo nosso Redactor Principal, Sr. Guerra Maio, Director do Posto d'Informações da Sociedade Propaganda de Portugal, em Paris, sobre as deligencias que emprehendera junto das Companhias que fazem as carreiras maritimas para a America do Sul, no intuito de conseguir a ligação, rapida e imediata, dos passageiros chegados a Lisboa pelo «Sud-Express» com os grandes transatlanticos d'aquelas linhas.

A adoptar-se esta medida—que, alem de constituir uma superior vantagem para o nosso porto, beneficiaria directamente os caminhos de ferro interessados — os passageiros vindos da America do Sul ou os a ela destinados, tendo aqui assegurado d'essa forma o seguimento rapido da viagem, não deixariam de se fazer transportar pelo «Sud», poupando-se assim aos incomodos da viagem atravez o Golfo de Gasconha, que causa sempre as mais desagradaveis impressões aos passageiros.

D'ahi provinha para todos os caminhos de ferro interessados uma apreciavel receita, que as Companhias maritimas nunca regateriam para evitar o exodo da sua clientela para as linhas italianas, cuja concorrencia está levantando sérias apprehensões.

Apreciado o caso sob este unico ponto de vista—e nenhuma outra razão de peso havia para contrapôr á realisação imediata d'essa ideia—era logico e intuitivo que a Conferencia adoptasse os trabalhos já realísados, com a mais admiravel sciencia e persistencia, pelo nosso querido camarada Guerra Maio, que da parte das

Companhias maritimas francezas, inglezas e alemãs encontrou o mais franco acolhimento e o mais decidido apoio á execução da sua bela e patriótica ideia.

Qual é, porém, agora, o nosso espanto ao sabermos que a referida Conferencia, invocando razões futeis—em comparação com os beneficios que para os Caminhos de ferro adviriam d'um tal serviço—deliberou não alterar n'este momento o horario do «Sud-Express», deixando o estudo da questão para a proxima Conferencia que se realísará só em Março do proximo anno!

E a esta Conferencia assistiram delegados dos caminhos de ferro portuguezes, que não opuzeram o seu veto a uma resolução que não só ímporta imediatos prejuizos para as rêdes que representavam, como para o nosso Paiz, que assim viu mais uma vez protelada a execução do desejo por que almeja de ha tanto tempo!

—E que razões seriam essas?

Certamente não foi a dificuldade de se conseguir o acordo das Companhias maritimas interessadas no trafego Sul-Americano, que foram o mais promptas possivel em dar o seu mais decidido acordo á ideia do nosso Redactor Principal.

Não teria sido tambem o facto de entrarmos na quadra invernosa, pois que esse motivo não colhe para os passageiros que teem os seus negocios tanto n'um como n'outro continente, e que em geral não escolhem as melhores quadras do anno para realísarem as viagens que lhes são exigidas pelo desenvolvimento dos seus negocios. Alem d'isso, agora, na America do Sul é a quadra estival, estação que muitos europeus aproveitam para visitar as terras de Santa Cruz.

Desconhecemos, ainda, quaes foram as razões em que a Conferencia baseou essa sua resolução. Sejam porem elas quaes

forem, nenhuma podem prevalecer ante a ameaça da concorrência que a Italia começa a fazer ás antigas carreiras do occidente da Europa para a America do Sul, e que não escolhe quadras do anno nem razões d'ordem geral para se intensificar cada vez mais; e esse motivo seria mais do que sufficiente para que, quanto antes, se efectivasse a ligação immediata, no porto de Lisboa, da via terrestre com a via maritima, conjugando para isso o horario do «Sud-Express» com o das carreiras de navegação, como foi estudado pelo nosso camarada Guerra Maio.

Talvez (e é quasi certo) mais tarde se arrependam; mas quando soar essa hora de arrependimento não haverá — sem duvida — as facilidades que agora se manifestaram por parte das Companhias maritimas, nem as vantagens que o momento proporcionava á execução d'essa ideia.

O que é bom desde já fixar são as responsabilidades d'este tremendo desastre, e que havemos de apurar para que o nosso paiz saiba bem como os seus interesses, geraes e especiaes, foram defendidos perante um caso de tanta magnitude como este.

CONGRESSO HOTELEIRO NA AMERICA

A REPRESENTAÇÃO PORTUGUEZA

No «Sud-Express» do dia 27 ultimo partiram em direcção a New-York os nossos bons amigos Srs. Alexandre d'Almeida, Leon Kuës e João Pestana de Vasconcelos, que constituem a representação portugueza no proximo Congresso Internacional de Hotelaria, que se realisa em New-York.

Na gare do Rocio numerosas pessoas foram apresentar as suas affectuosas despedidas aos distinctos congressistas, que se dirigiram a Paris, d'onde seguiram para o Havre a fim de ali embarcarem para a America do Norte.

Os Srs. Alexandre d'Almeida e Leon Kuës foram acompanhados de suas esposas, o que mais notavel torna ainda a representação portugueza n'esse importante congresso.

Não só do facto propriamente d'esse congresso como da instructiva viagem a que ele obriga os congressistas portuguezes, por certo hão-de resultar as maiores e melhores vantagens para o nosso Paiz.

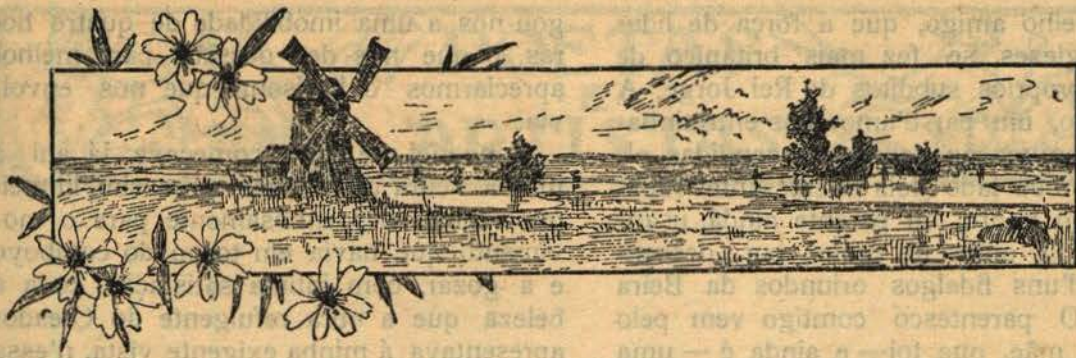
O Sr. Pestana de Vasconcelos levou o encargo de n'ele representar a Sociedade Propaganda de Portugal.

Desejamos a todos os membros d'essa representação a mais auspiciosa viagem, fazendo votos sinceros para que ela dê a mais completa satisfação aos intentos que a animaram a aceitar tão espinhoso como delicado encargo.

PALACE HOTEL DA PRAIA DA ROCHA

Por portaria publicada no n.º 239 da II série do «Diario do Governo», referido a 15 do corrente, foi deferido o requerimento em que o sr. José Fernandes de Barros Junior, como representante da Empresa do Palace Hotel da Praia da Rocha, pediu que lhe fossem concedidas todas as vantagens, regalias e isenções que, por portaria de 30 de Setembro de 1920, foram concedidas á Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal.

E' de esperar que, por este motivo, esse grande e utilissimo melhoramento que será a construção e exploração d'um bom hotel n'essa linda praia algarvia, venha a ser um facto dentro de pouco tempo.



CARTAS DE LONGE

CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

MEU NARCISO-REI

As minhas visitas aos teus domínios sugerem-me sempre a ideia de, depois de te transmitir verbalmente as impressões que colhi n'essas digressões, vir confirmal'as por escripto, em letra redonda, como satisfação immediata dos meus sentidos, que não ficavam bem contentes com eles-mesmos se não vissem expandir, uma vez mais, os motivos que tanto os alegraram.

Vim, d'esta vez, emocionado, um pouco, por esse romance realista a que Eça de Queiroz poz o sugestivo nome de «A Cidade e as Serras»; emoção que me sugeriu a ideia de o plagiar, escrevendo a tua vda como ele descreveu, nas trezentas paginas d'esse seu livro, a do seu Príncipe da Grande Ventura.

Pensei em fazel'o—mas desisti.

Plagiar, é sempre feio. Criar originalidade é possível n'um tempo de calma patriarcal, quando, pelas responsabilidades que contrahimos, somos levados a agitar os organismos amolecidos por uma comoda inacção.

Ora, presentemente, com a carestia dos generos de primeira necessidade, a tal ponto que os ovos na tua Quinta vendiam-se já a 7\$200 a duzia; com a pers-

pectiva d'uma crise ministerial; com boatos de revolução ultra-radical; com os diversos alcances e... etc., as sociedades andam de tal forma agitadas que, o que devemos fazer, é aplicar-lhes calmantes.

... Mas, reparo, que desnorteei e estava singrando por mares diferentes dos traçados na minha róta.

Guino para um bordo, e já estou a caminho.

Minha joia: As minhas férias, este ano, começaram quando os outros acabaram de gozar as d'eles. Isto, tendo tido a vantagem de viajar mais comodamente, explica tambem o facto de eu tão tarde vir espairecer as recordações que o meu simples e curto passeio me trouxe e que vou expor.

Parti d'aqui em um domingo á noite, sob um tempo brumoso.

Como inicio d'uma cura de repouso, achei optimo... Para um espirito avido sempre de sensações, foi esplendido.

Passar uma noite em viagem, quasi sempre ouvindo o tombar d'uma chuva contínua e impertinente é, para mim, tão saboroso, como ouvir cahir agua a cantaros quando me sinto aconchegado ao calor carinhoso e atrahente da minha caminha.

Pois foi sob um céu assim pardacento que sahi de Lisboa. No meu compartimento

ia um velho amigo, que á força de lidar com inglezes, se fez mais britanico de que os proprios subditos do Rei Jorge. A um canto, um par d'amorosos entretinha-se na conjugação das suas candidas almas. A meu lado dois interessantes rapazitos: um nobre, teu parente ainda, usando um D. antes do nome, por descendencia d'uns fidalgos oriundos da Beira Baixa. O parentesco contigo vem pelo lado da mãe, que foi—e ainda é—uma das mais formosas senhoras da antiga *Jeunesse dorée*. O outro pequeno representava ali toda uma ascendencia de notabilidades: neto d'um poeta celebre e d'uma escriptora, delicada e maravilhosa, é filho d'um illustre bacharel em direito, muito dado a desportos e a obras de caridade.

Foram estes os meus companheiros que mais me distrahiram.

... E diga-se a verdade: viajar de noite sem companhia que nos entretinha o espirito, é um tanto fatigante.

Por isso fui muito feliz com esses meus dois bons companheiros. Senti reviver ao contacto com esses dois gentis espiritos infantis a minha alada mocidade, essa primavera em que eu só ouvia o canto do rouxinol, supondo então que a vida se resumia na delicia d'esse viver!

Mas—as illusões, acabaram-se; as amarguras cresceram desapiedadamente: mais depressa do que eu me fiz homem; mais rapidamente do que eu descri dos homens e um pouco mais lentamente do que me aborreci das mulheres.

E', pois, por isso, que só vivo bem com as creanças, e tambem porque, ao pé d'elas, me sinto mais creança ainda do que elas-proprias.

Passámos uma noite divertida e comodamente regalada.

Pela madrugada, quando nos preparavamos para entrar na segunda cidade do Paiz com aquele sorriso denunciador d'um espirito sadio, reparámos que estavamos parados em frente da Curia: um incidente ferroviario, dos que são faceis d'acontecer quando o pessoal é negligente, obri-

gou-nos a uma imobilidade de quatro horas, o que nos deu occasião para melhor apreciarmos o horizonte que nos envolvia.

Convenci-me que começava já ahi a minha «cura de repouso». E assim, limitei-me a olhar desdenhosamente para o movimento que havia em torno do comboyo e a gozar, com intima satisfação, toda a beleza que a obra refulgente do Creador apresentava á minha exigente vista, n'essa Bairrada então já toda coberta d'uma vegetação luxuriante, viva de colorido, atrahente de vigor.

Ao cabo d'um longo descanso como que concedido para todos nós nos refazermos dos incomodos da jornada e para o meu britanico companheiro se barbear e lavar (*oh! time is money*), abalámos para a Invicta, onde chegámos com seis horas d'atrazo no horario do comboyo e de doze no regulamento do nosso delicado estomago.

De S. Bento ao Camanho foi o salto d'uma corça.

Ahi abancámos n'esse fornecedor de repastos a que os portuantes dão foros da nossa «Garrett.»

E' justo e legitimo. Cada cidade tem as «Garrett» que deseja e nenhuma das outras tem nada com isso.

Ora este entroito, como preambulo para a minha seguinte descripção, é já sufficiente; e por muito feliz me darei se todos os meus antigos leitores tiverem a pachorra de o lerem.

N'essa esperança dou-lhes já os meus agradecimentos e prometo voltar em breve.

MARIO DE MONT'ALVÃO

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano	10\$00
Colonias—ano	15\$00
Extrangeiro—ano	20\$00
Numero avulso	1\$00 réis (1\$000)



VILLANCETE

Põe a tua mão na minha,
Ajunta palma com palma;
Entra dentro do meu peito,
Toma posse da minha alma.

VOLTA

Quiz enganar-te, dizendo
Que não te podia ver;
E, afinal, ando morrendo
Todo eu por te querer.
Ó Dona do meu sentido,
Ajunta palma com palma;
Aqui me tendes rendido;
Toma posse da minha alma.

ANTÓNIO BOTTO

ESTANCIAS DE CURA E DE REPOUZO

LUZO-BUSSACO

A sympathica atenção e o interesse que mereceu a descripção sobre Luso-Bussaco publicada no ultimo numero

Com esta nossa ideia, apenas temos em vista divulgar as especiaes condições que as distinguem e que constituem subsídios interessantes para aqueles que não se limitam a saborear as excelsas creações da Natureza como as que se apreciam n'esses logares, mas, por uma natural ancia da curiosidade humana, gostam egualmente de saber a origem, causas e efeitos do ambiente que as envolve.

Assim vamos extrahir ainda do mesmo livro do Dr. Troncho de Melo os periodos que a tal respeito nos parecem interessantes.

.....
O sólo comprehende uma camada variavel de terra vegetal que chega a atingir 2 metros na sua maior espessura.

A abertura de ruas e a construção de casas facilitando largas soluções de continuidade, condiciona bastante a infiltra-

d'esta Revista e que extrahimos do precioso livro do Sr. Dr. Troncho de Melo, levam-nos a dar aos nossos leitores mais alguns valiosos dados a respeito d'essas nossas duas belas estancias, tão intimamente ligadas por origens comuns e tão irmanadas no ambiente seductor que mais as une e as torna atrahentes.

De facto, Luso-Bussaco são como duas almas n'um só corpó, dois perfeitos gêmeos, que se completam nas suas belezas, nas seducções e atractivos, oferecendo, todavia, os encantos que a cada espirito melhor agradem.

Não é por isso demasiado mostrar claramente quaes as condições que lhes proporcionam o renome que ambas as estancias justamente gozam de ha muito não só entre os portuguezes, como no estrangeiro.



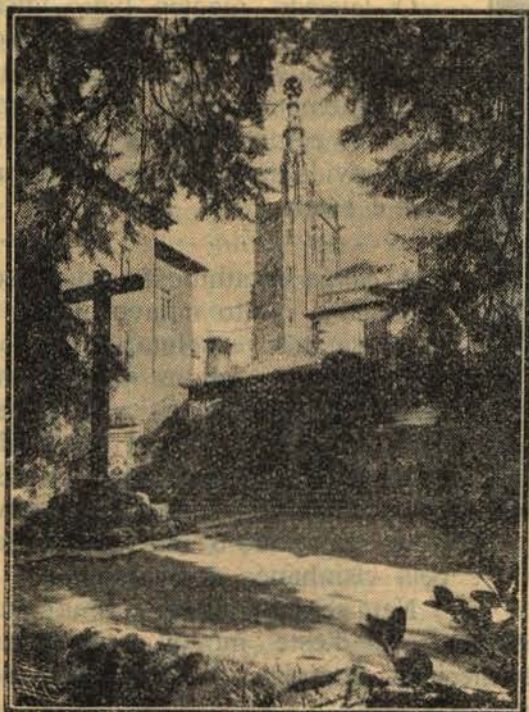
LUZO - Villa «Maria Cecilia» propiedade de Alexandre d'Almeida



LUZO - Vista parcial

ção das aguas tornando as camadas subjacentes essencialmente porosas.

O terreno é cheio de continuas depressões que terminam em ribeiros e regatos



BUSSACO — Estrada do Convento

por onde as aguas são drenadas com facilidade.

São, pois, optimas as condições geológicas do Luso-Bussaco.

N'estes logares emergem varias nascentes minero-medicinaes e comuns.

Admitindo a origem comum de todas estas fontes alimentadas por uma toalha d'agua subterranea, existente a grande profundidade, essa toalha estaria em comunicação com as rochas igneas do centro da terra, d'onde receberia pelas fissuras os vapores d'agua que n'ela se viriam condensar.

Havendo em Luso-Bussaco, fontes de mineralização e temperatura variada, attingindo uma das fontes dos banhos de Luso a temperatura de 27°,5 este fenomeno poderá explicar-se pelo contacto da agua com o terreno que medeia da toalha subterranea ás nascentes.

A agua na sua ascensão, tomando contacto com as diferentes camadas da terra, assim formará mineralizações diferentes.

A sua temperatura dependerá da ascensão mais ou menos rapida e da condutibilidade das camadas que atravessa. D'aqui, as fontes quentes e as fontes frias.

As influencias exteriores que podem actuar sobre o clima de Luso-Bussaco são varias, mas podemos considerar:

1.^a — A visinhança das montanhas contribue a protegel'os contra os ventos, pelos seus relevos e pela frondosa vegetação que em grande parte os cobre.

2.^a — A visinhança do mar, que conserva durante o inverno consideravel quantidade de calor armazenado durante o verão, que contribue sobre maneira para entreter pela sua proximidade do mar, um estado higrometrico regular de Luso-Bus-

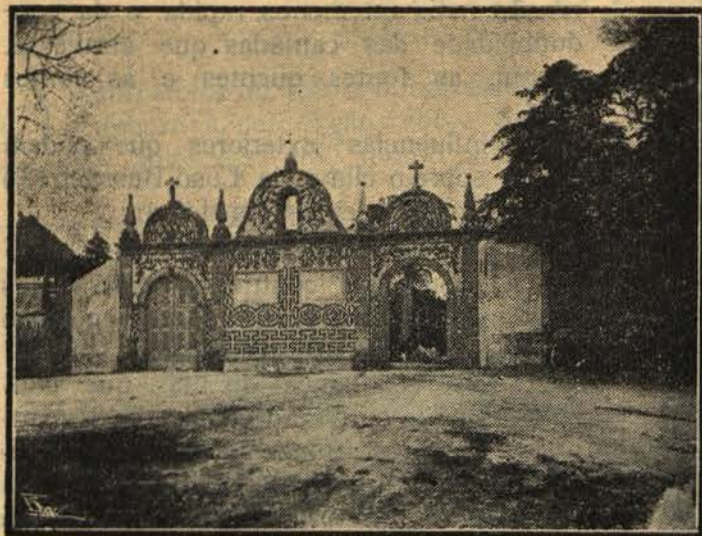


LUZO — Chalet Navarro

saco e concomitantemente a sedação do seu ar e o esplendor da vegetação.

Alongando a vista para o poente, avista-se distintamente o Atlantico que dista

de nós cerca de 40 kilometros, banhando as costas de Portugal. O quanto beneficia o nosso clima da sua proximidade do mar, dizem-no as sabias palavras do Dr.



BUSSACO — Portas de Coimbra

Geraldino Brites, afirmando que «durante o inverno o *Gulf Stream* transporta diretamente para toda a zona da costa portuguesa de latitude inferior a 40° o calor que o aqueceu nos mares tropicaes, com uma velocidade de 8,5 kilometros por 24 horas. E' esta corrente que mantém no Atlantico a temperatura constante de 12° (Hann)».

«A influencia d'esta corrente do Gôlfo é tal que Boudin pode dizer, como regra geral, que a temperatura media hibernal d'uma localidade é tanto mais baixa quanto maior é a sua distancia do *Gulf Stream*.

No seguinte resumo podem-se avaliar as superiores qualidades do clima de Luso-Bussaco: Calma habitual da athmosfera. Ventos violentos raros e não nocivos. Temperatura ordinariamente agradável apresentando algumas variações bruscas, mas que é facil de se garantir. Chuvas não muito duradoiras mas algumas com gran-

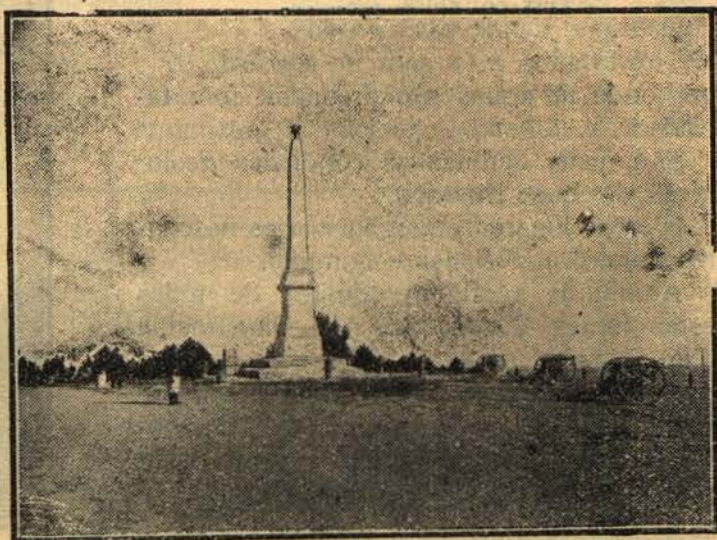
des descargas de agua, notando-se bastas vezes o ceu claro e o ar agradável, passado o momento da chuva. Não ha tempo seco muito prolongado. Pouco notavel a humidade livre na athmosfera.

O falecido medico hidrologista das Thermas de Luso, Dr. Antonio Gonçalves Ferrão, afirmava eloquentemente: «não é um clima humido como algumas vezes temos ouvido dizer. Podemos afirmar que é seco».

A calma da athmosfera de Luso-Bussaco é muito notavel, dada a auzencia, não absoluta, de ventos.

Os ventos brandos manifestam-se mais ao anoitecer e amanhecer. Tanto os dias como as noites são calmas. Em muitos dias nota-se uma viração agradável que renova o ar tornando-o mais balsamico pela visinhança dos pinheiros.

Nem seria para desejar uma calma absoluta, pois d'este modo continuariam adormecidas energias que merecem ser fustigadas.



BUSSACO — Monumento da Bota'ha

Esta calma relativa da athmosfera é, para uns, devida á visinhança das montanhas que quebram as correntes aereas; para outros, ás colinas que nos rodeiam;

para outros, á proximidade do oceano; para outros, emfim, ao antagonismo d'uma parte dos ventos do Norte dos quaes as baixas ramificações da serra não opõem senão uns fracos obstaculos; d'outra parte os ventos d'oeste vindos do mar e os ventos d'êste provindo das terras. Esta lucta entre os ventos produzir-se-hia muito alto, acima de Luzo-Bussaco.

Podemos concluir: que a calma da athmosfera é frequente; que a fraqueza do vento reinante é acentuada; que os ventos violentos raras vezes se declaram, sendo de pouca duração e manifestam-se em geral de noite.

Luzo-Bussaco, encarados debaixo do ponto de vista climatoterapico, devem ser essencialmente sedativos dadas a auzencia de ventos e a calma na athmosfera.

Bem dizia Taylor: "a machina humana parece, em saude como em doença, partilhar da calma que reina na natureza".

A temperatura do Luzo-Bussaco, não é das mais excessivas no verão, nem das mais rigorosas no inverno; possui as qualidades de equilibrio bastantes para estes logares serem aconselhados como uma magnifica estação de cura e repouso a rivalisar, com vantagens, com as suas congeneres estrangeiras. A temperatura baixa com a altitude, é um facto importante e bem conhecido. Este abaixamento está ligado á rarefação do ar cuja capacidade calorifica diminue com a densidade. A temperatura é geralmente dôce e agradável.

Os calores não são destemperados e os frios não teem longa duração nem são muito sentidos, embora debaixo do inverno mais rigoroso.

E' muito pouco sensível a variação da temperatura que se opera no inverno ao passar-se do dia para a noite, acontecendo o mesmo no verão.

As variações de temperatura durante o dia e a noite são pouco acentuadas, quasi insignificantes. Tudo isto condiciona vantagens para a boa aeração dos ventos.

Os dados thermometricos, em nosso entender, não podem regular em absoluto,

e em comparação com outras estações de cura e repouso a sensibilidade que qualquer doente disfructa a uma temperatura igual, mas em logares diferentes; por isso, Luzo-Bussaco, pode dispensar aos doentes o bem-estar que outras estações similares não condicionam com temperatura igual ou superior.

E isto porque dada a auzencia de vento, a evaporação da superficie da pele é menor de que em outros logares, onde a temperatura é talvez mais elevada.

Os invernos em Luzo-Bussaco são curtos, não rigorosos, relativamente dôces. Quando a temperatura baixa, forma-se sobre o terreno gelo que ás primeiras horas do dia se desfaz.

Poucas são as noites em que tal acontece.

Vê-se pelas medidas observadas que os mezes em que a temperatura é mais baixa são Dezembro e Janeiro, em que desce a 7,°6 em Janeiro e que a diferença entre as maxima e minima não é muito acentuada e que as baixas ou altas são graduas. Não se notam as mudanças bruscas da temperatura tão prejudiciaes á saude.

Os invernos não são rigorosos.

A primavera é uma estação agradável embora em Luzo-Bussaco, durante este periodo, haja chuvas abundantes, mas de pouca duração, que lavam o terreno e deixam o ceu limpido, a temperatura média é de 13.° a 14.° durante os mezes de Março, Abril e Maio.

No estio os dias são quentes mas nunca d'um calor excessivo, as tardes e noites são d'uma temperatura agradável; temperatura média durante os mezes de Junho, Julho e Agosto é de 20° a 21°.

O outono é uma bela estação para Luzo-Bussaco; durante os mezes de Setembro, Outubro e Novembro a temperatura média é de 14° a 15°.

Quando por toda a parte se anuncia o inverno e frio, ainda aqui a temperatura é dôce e amena e a vegetação continua luxuriante.

As chuvas que caem em Luzo-Bussa-

co não duram muitos dias e nem caem durante todo o dia. Dão-se grandes descargas d'agua principalmente durante os mezes de Dezembro a Março.

Com a frequencia observa-se, apoz uma descarga d'agua de duas horas, aparecer o ceu limpido, horisontes desanuveados e a vegetação surgir-nos rejuvenescida.

Luzo-Bussaco, não possui humidade fria tão funesta para os organismos doentes, que mesmo durante o inverno jamais a chegam a experimentar.

Aqui não ha: nem um ar muito seco, nem um ar muito humido; ha, sim, uma certa humidade latente que convem admiravelmente aos doentes.

Os nevoeiros não são muito frequentes nem muito duradoiros; quando se formam é devido á abundancia de nascentes; mas a preveligiada ventilação e vegetação frondosa logo ás primeiras horas da manhã os fazem desaparecer. Os nevoeiros em

Luzo-Bussaco são principalmente nocturnos.

Luzo-Bussaco é a estação privilegiada para receber doentes esgotados e «touristes». Dada as suas optimas condições climaticas e crenoterapicas e sendo servida por belas estradas, caminhos de ferro e ponto de passagem do Sud-Express Lisboa-Paris, o estrangeiro que, vindo das Americas ou Africa, desembarca no nosso paiz a fim de procurar na Europa o retemperamento das suas forças exgotadas ou o alivio dos seus padecimentos, encontrará nas nossas aguas e no nosso clima os elementos essenciaes a um bom resultado e o auxilio indispensavel a compensar a fadiga d'uma viagem para o norte ou centro da Europa. Seria esta mais uma valiosa fonte de receitas a explorar a bem da economia nacional e da Humanidade.

VIDA CITADINA

ASPECTOS DA EPOCHÁ

COM os pronunciados da epoca d'inverno, animou-se novamente a nossa capital, onde se vê já aquela população que emigra aos primeiros calores estivaes para gozar, á sombra das arvores campestinas ou das rochosas encostas por onde perpassa a fresca brisa do oceano, os dias quentes em que na laboriosa cidade de marmore e de... granito apenas se trata de negocios.

Assim nota-se já a vida elegante e agitada de Lisboa nos mezes d'inverno; vida que, em cada ano, se torna mais interessante e digna de apreço, sobretudo para quem tem seguido as evoluções porque ela tem passado n'estes ultimos tempos.

Pelo movimento geral que ora se admira em Lisboa, com o incremento que todas

as forças vivas lhe tem imprimido, a nossa cidade vae apresentando, gradual e progressivamente, a agitação febril dos grandes centros onde, a par da incessante lucha pela existencia, caminha o desejo sempre insatisfeito de prazeres, de novidades sensacionaes, do entusiasmo por uma outra lucha não menos egoista, nem menos exigente. E' a ancía de gozar, seja como fôr, que presentemente mais se manifesta d'uma maneira suggestiva, quasi contagiosa, envolvendo até aqueles que com os prazeres menos se preocupavam.

— E para que a sua comparação com a vida dos grandes centros se faça por forma mais aproximada, não falta até o requinte da maldade: na malicia, no vicio, no crime.

... Mas como temos de seguir o progresso, mal nos ficaria se não o acompanhássemos em todas as suas impressões.

Esta nossa singela e despretenciosa apreciação tem apenas por fim frisar o que de mais interessante se encontra agora na vida de Lisboa e onde os visitantes podem encontrar aquela satisfação ao desejo de se distrahir que, em geral, os traz á capital, quando se acham extenuados pelas mornas jornadas provincianas.

Os theatros acham-se já todos abertos, exhibindo-se em cada um d'elles diferentes generos dramaticos, desde a *revista* até á alta comedia. Em todos eles ha actores bons e maus; o conjuncto apresenta-se, todavia, tanto quanto possivel compensado, devido a que, em geral, d'entre os bons e os maus sobresaem as principaes figuras do theatro portuguez cujos nomes se acham sobejamente consagrados por justas e fartas glorias.

Em S. Carlos, onde está trabalhando a companhia constituída por Lucilía Simões e Erico Braga, estreiou-se como artista um amator que, como tal, marcou sempre um logar de destaque nas scenas de que fez parte: trata-se de Guilherme Caupers, esse illustre e nobre *sportman* que acaba de deixar os prazeres da vida mundana, onde era tambem um ornamento fulgurante, pelas agruras do palco a que o prendeu sempre um enthusiasmo invencivel.

Guilherme Caupers fez a sua estreia na peça recentemente traduzida do francez «A Vinha do Senhor», que tem agradado. Ambos os motivos tem atrahido a S. Carlos farta concorrência.

Nos outros theatros representam-se com geral agrado as peças já annunciadas.

A abertura do Colyseu constituiu igualmente um outro facto de sensação na vida cidadina, tanto mais que n'esse vasto circo, se exhibe uma companhia formada com esmerado cuidado, pelo que se apreciam numeros do mais entusiastico interesse e da mais extraordinaria originalidade.

E' o Colyseu dos Recreios um dos pontos onde o alfacinha que quer distrahir-se sem preocupações d'espirito, mais se

entretém e por isso a elegante sala da Rua de Santo Antão regorgita todas as noites d'um povo mesclado e por vezes cosmopolita, entretido e embevecido.

De resto ha os animatographos, apresentando em concorrência, as ultimas creações da sciencia do *film* e... as mais variadas assistencias.

Isto, sob o aspecto de recreio visual a que devemos juntar, ainda, os desafios de «foot-ball» que ocupam a melhor distracção do alfacinha nos domingos de descanso.

Porcm, sob o aspecto instructivo, ha alem dos variados muzeus, o interessante Jardim Zoologico onde, devido a extrema dedicacção do grupo dos seus amigos, se apreciam as ultimas novidades zoologicas, a que já o célebre elephante Maputo, veio dar um scintilante relevo.

Esse habitante dos sertões africanos que ha pouco foi instalado no Parque das Larangeiras quasi como o antigo soba dos seus dominios — o celebre Gungunhana, foi hospedado em S. Jorge tem causado a admiracção de quasi toda a população lisboeta que, aguçada no seu enthusiasmo pelos reclames feitas a pessoa de tão importante quadrumano, ali tem ido n'uma authentica romaria para visitar esse belo exemplar da especie zoologica.

Alem do Maputo, muitos e diversos outros exemplares da mesma especie completam a interessante população que o Jardim alberga dentro das suas grades.

E', pois, a visita a esse Jardim um numero obrigatorio da vida dominical em Lisboa, tanto mais que ali um esplendido bufete fornece um serviço completo e atrahente de lanches, chá dançante e musica.

Na parte sportiva, afóra os desafios de foot-ball a que já nos referimos, ha outros elementos de distracção, taes como: escolas de remo, de natação e de gymnastica, esta ultima recentemente aberta nas salas do Gymnasio Club, onde se praticam igualmente diversos ramos de desporto.

Esta agremiação está prestando serviços de maior relevo ás novas camadas infantis, pelo que é digna do maior aplauso.

Eis, em palido resumo, a vida que se pode examinar e apreciar presentemente na nossa capital; e não se pode dizer que não seja atrahente para quem vive longe d'esse buliço que começa pelas compras na Praça da Figueira e termina na elegante ceia do Tavares, depois de, em negocios, se passar pelos Bancos, Companhias, Ministerios, escriptorios das mais variadas industrias, de se assistir ao chá dançante nos Grandes Cafés ou ao sim-

ples chá-concerto na Garrett, no Trianon, no Benard, no Marques, etc., e de se jantar no Rendez-vous, no Monumental, no Avenida-Palace, e de se jogar o *bridge* no Gremio, no Turf ou no Tauromachico.

Ora, distrações não faltam.

Onde se gaste dinheiro, sobeja.

Quem se divirta, tambem abunda.

O que ha menos, presentemente, é quem trabalhe.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Condução d'automoveis

PARA conhecimento dos interessados abaixo inserimos a portaria que foi publicada pelo Ministerio do Comercio e Comunicações, acerca da exigencia do certificado de registo policial para a concessão de licença aos conductores d'automoveis:

Ministerio do Comercio e Comunicações
Administração Geral das Estradas e Turismo—Repartição de Estradas—Portaria n.º 3761.

Tendo-se reconhecido a conveniencia de se exigir o certificado de registo policial aos requerentes de licença para conductores d'automoveis, comprehendendo-se n'esta designação todos os vehiculos de motôr mecanico, seja qual fôr a sua natureza, destinados a circular sobre as vias publicas, sem necessitarem do emprego de carris; manda o Governo da republica portugueza, pelo Ministerio do Comercio e Comunicações, que, a titulo provisorio, seja obrigada a apresentação do certificado de registo policial, alem dos documentos a que se refere o artigo 32.º do regulamento sobre a circulação de automoveis, aprovado por decreto com força de lei de 27 de Maio de 1911, para poder ser concedida a licença para conductor d'automoveis.

-22 de Setembro de 1923.

Horario de comboios

DESDE o dia 21 do mez passado foram suprimidos os seguintes comboys: n.ºs 204 e 209 da C. P., directos entre Lisboa-Rocio e Caldas da Rainha; n.ºs 33 e 133 do Minho e Douro, entre Porto e Braga, e entre Porto e Penafiel, respectivamente, que se efectuavam nos domingos; n.ºs 104 e 105, da linha do Vale do Vouga, que se efectuavam aos domingos entre Sarnada e Espinho.

Desde o dia 22 começaram a efectuar-se ás segundas-feiras, entre Porto e Braga o tramway n.º 35, e entre Porto e Penafiel o n.º 135.

A partir de 1 de Novembro começa a vigorar o horario de inverno da linha de Cintra. Tambem desde essa data são modificadas as marchas dos comboys tramways n.ºs 1503 e 1506 do serviço Ovar-Porto, passando o primeiro a partir de Espinho ás 6-05 para chegar ao Porto ás 7-08; e o segundo a partir de Ovar ás 6-30 para chegar ao Porto ás 8, e as marchas dos tramways entre Lisboa-Rocio e Vila Franca, dois dos quaes, passam a ser prolongados até e desde Carregado, com paragem no nosso apeadeiro de Castanheira.

Egualmente a partir da mesma data entra em vigor o horario de inverno nas linhas do Minho e Douro.

*União Internacional
de Caminho de Ferro*

No dia 1 de Outubro findo reuniu em Paris a Assembleia Geral da União Internacional de Caminhos de Ferro, tendo sido aprovadas varias propostas já estudadas pelas respectivas comissões.

Dos diversos assuntos tratados, uns dizem respeito á organização interna dos Caminhos de Ferro, e outros ao publico em geral, figurando entre estes, como um dos mais importantes, a adopção d'um sistema geral e unico de fechos para caruagens de passageiros.

A Assembleia homologou uma serie de propostas que as companhias deverão submeter á aprovação dos seus governos, relativas á simplificação das formalidades de alfandegas e passaportes que actual-

mente entravam e, por vezes até causam grandes atrazos aos transportes de mercadorias e passageiros; e a unificação de datas para a aplicação do horario de verão, com o fim de evitar a perturbação que resulta de falta de acordo entre as diferentes nações.

Tambem se tentou do seguro de bagagens e da extensão da Convenção de Berne para transportes internacionaes a paizes que, como a Inglaterra, Hespanha, Russia, China, Japão e Portugal, não deram até hoje a sua adhesão á Convenção.

Por ultimo, a Assembleia, depois de se pronunciar pela admissão dos caminhos de ferro da Russia sovietica na União, aprovou por unanimidade o acordo para se estabelecer quanto antes a circulação dos comboyos internacionaes que existiam antes da guerra, sobretudo os grandes expressos, inclusivé os que atravessaram a Alemanha e a Siberia.

REGISTO

Estetica citadina

Sob este atrahente titulo, o nosso bom amigo e ilustre colaborador Ribeiro Chritino acaba de publicar em volume, os interessantes e instructivos artigos insertos em o nosso colega «Diario de Noticias» no periodo de 1911 a 1914.

Trata-se d'uma obra de grande vulto a que o seu distincto auctor dedicou a mais escrupulosa atenção, completando o importante trabalho a que o «Diario de Noticias» deu uma justa e lisongeira guarida com novos e não menos instructivos subsidios e dispondo todos os assumptos com uma criteriosa sequencia de forma a tornar esse volume um precioso elemento educativo.

Em cinco grupos distinctos é dividido esse belo trabalho de Ribeiro Christino, decompostos como se segue: um a oito, a Lisboa Central; nove a dezeseis, Lisboa Oriental; dezessete a vinte e quatro, Lisboa Ocidental; vinte e cinco a trinta e

dois, praças e largos lisbonenses; trinta e trez a quarenta, comemorações e curiosidades citadinas.

Alem dos artigos publicados no «Diario de Noticias», ha mais quatorze igualmente curiosos sobre o Caes das Colunas, os quadros do Leão d'Ouro, o Castelo de S. Jorge, a igreja da Madre de Deus, o antigo Largo da Fundição e outros.

Por esta simples descripção se pode avaliar o valor d'essa obra, na qual perpassa, a par do incontestavel merito artico do seu auctor, um alto espirito observador aliado a um muito louvavel sentimento patriotico.

Dadas as qualidades que tornam este livro preciosissimo em qualquer bibliotheca, é de esperar que a sua edição se exgote facilmente.

Endereçando ao seu brilhante auctor e nosso prezado colaborador as mais sinceras felicitações pelo seu esplendido trabalho, aqui lhe consignamos os nossos reconhecidos agradecimentos pela oferta do exemplar que nos enviou.

PORTUGAL

RECEBEMOS o n.º 5 da revista «Portugal», publicação portuguesa quinzenalmente dada á luz no Rio de Janeiro, sob a direcção literaria de Ruy Chianca.

E' uma bela obra, bem apresentada e ricamente ilustrada, feita alem-mar, onde a nostalgia da patria se contamina sugestivamente, brotando scentelhas de lirismo em hossanas á Terra-Mãe e dos seus homens illustres.

Desejando a esse sympathico colega do lado de lá do Atlantico as maiores venturas e crescentes prosperidades, bem como a satisfação de vêr á sua roda toda a importantissima colonia portugueza nas terras de Santa Cruz, endereçamos-lhes os nossos mais amistosos cumprimentos.

REVISTA DE GUIMARÃES

NA nossa bibliotheca acaba de dar entrada o volume XXXIII referido aos mezes de Abril a Setembro ultimos, da «Revista de Guimarães», editada pela erudita Sociedade Martins Sarmento; volume que se apresenta com um sumario bastante atraheute para quantos se dedicam á literatura scientifica da nossa bela lingua.

TOURING CLUB URUGUAYO

TEMOS presente o n.º 184, referido a Setembro ultimo, do boletim do *Touring Club Uruguayo*, publicação que é o órgão official d'esse Club e se dedica ao desenvolvimento do turismo e da industria das viagens n'esse atrahente paiz sul-americano.

Agradecemos a gentil remessa que retribuimos com a permuta da nossa Revista.

TOURING CLUB SUISSE

Afalta de espaço não nos tinha permitido referirmos ainda ao Anuario de 1923 que a Direcção do Touring Club Suisso teve a gentileza de nos enviar.

Fazemol'o agora, indicando que esse interessante livro é, tambem utilissimo para quem viaja na Suissa, pois que constitue um precioso guia.

Agradecemos a amabilidade da remessa.

MUSEUSPATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALEIRA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU A QUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás extas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO—Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2.º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU PEDAGOGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, na Misericordia— ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30; outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial Entradas gratuitas..